

## Sobre o compromisso de não morrer, sobretudo não morrer discretamente

*About the commitment not to die,  
especially not to die discreetly*

Edinan Damasceno Carvalho  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
[damascenoedinan@outlook.com](mailto:damascenoedinan@outlook.com)  
<https://orcid.org/0009-0005-2178-1277>

Joabson Lima Figueiredo  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
[jfigueiredo@uneb.br](mailto:jfigueiredo@uneb.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-2854-0266>

### RESUMO

A poesia de Ricardo Aleixo é estudada neste trabalho à luz dos poemas “Rondó da ronda noturna” (2001) e “Na noite calunga do bairro Cabula” (2018). O objetivo é analisar como essas obras rejeitam estereótipos impostos aos negros e inscrevem uma versão crítica e afirmativa de sua presença. Nessa toada, a análise é profundamente influenciada por teóricos como Achille Mbembe (2014) e Frantz Fanon (1968; 2020). A metodologia inclui análise textual e contextual da poesia, destacando seus temas e estruturas. Dessa forma, este estudo aponta para a capacidade da poesia de Aleixo em criar um espaço de resistência ativa e transformação social, simbolizado pelo renascimento contínuo e pela subversão de imagens de morte em uma maternidade protetora.

**Palavras-chave:** poesia negra; resistência; negritude; Ricardo Aleixo.

### ABSTRACT

Ricardo Aleixo's poetry is studied in this work in the light of the poems “Rondó da ronda noturna” (2001) and “Na noite calunga do Bairro Cabula” (2018). The objective is to analyze how these works reject stereotypes imposed on black people and inscribe a critical and affirmative version of their presence. In this sense, the analysis is deeply influenced by theorists such as Achille Mbembe (2014) and Frantz Fanon (1968; 2020). The methodology includes textual and contextual analysis of poetry, highlighting its themes and structures. In this way, this study points to the capacity of Aleixo's poetry to

create a space of active resistance and social transformation, symbolized by continuous rebirth and the subversion of images of death into a protective motherhood.

**Keywords:** black poetry; resistance; blackness; Ricardo Aleixo.

## INTRODUÇÃO

Ao intentar tracejar a feitura deste texto, somos tomados pelos ensinamentos que Dona Íris Aleixo partilhou com Ricardo Aleixo sobre os cuidados que devemos ter com as palavras, especificamente no que se refere ao pedido de licença que devemos fazer ao dono da fala antes de palavrear. Pois, é ele quem pode nos abençoar e transformar nossas línguas em flechas que chispam no ar, se o tempo for de guerra e adotarmos posições e ações de quem precisa e deseja guerrear (Aleixo, 2018). Por isso, pedimos licença a Exu para que ele nos dê forças para falar sobre os nossos que são alvos e pelejam contra políticas de exclusão que possibilitam e determinam a reprodução de históricos padrões de desigualdade e violência antinegro. *Laroyê, Exu!*

Para dar início a esta jornada, demarcamos que refletimos sobre as poéticas negras enquanto confronto contra todo um conjunto de padrões estéticos literários, políticos, ideológicos e culturais em um contexto histórico em que as condições sociais são, de certo modo, favoráveis para tensionamentos nos discursos que se apropriam, metamorfoseiam e impõem uma estrutura que classifica e hierarquiza pessoas a partir de critérios raciais.

Apoiamo-nos na linguagem poética para analisar os confrontos de grupos subalternizados contra uma cadeia de relações subjetivas e concretas que se empenha em tornar irrealizável qualquer possibilidade de contemplação e produção de outros paradigmas que não são os da colonialidade<sup>1</sup> do poder, do ser e do saber (Quijano, 2005). O nosso objetivo é investigar o discurso transgressor e beligerante das poéticas negras, que potencializam a atuação com ações e compreensões que escapam e guerreiam em

---

<sup>1</sup> Adotamos a noção de colonialidade para estabelecer leituras sobre o racismo enquanto fenômeno que é princípio organizador de uma lógica estruturante de todas as configurações de assujeitamento da modernidade (Grosfoguel, 2018; Nascimento, 2019), sejam elas em níveis de divisão do trabalho, relações sexuais, de gênero, religiosas, pedagógicas. Nesse sentido, trabalhamos com esse conceito por ele questionar e deslocar compreensões sobre o racismo como hierarquia de dominação que se articula com outras dinâmicas e padrões de opressão que atuam com identidades e subjetividades que se dividem e polarizam em seres superiores (hiper-humanizados) e seres inferiores (subumanizados).

objeção ao controle, visto que a poesia é força capaz de ultrapassar o horizonte que nos enclausura.

A linguagem é vista, de maneira hegemônica, como “uma marca de dominação e por onde também se dá a figura estruturante do racismo” (Nascimento, 2019, p. 16). Ou seja, partimos do entendimento de que o racismo é uma das fibras que estruturam as coisas que socialmente circulam no Brasil e que a linguagem é uma posição nessa estrutura (Almeida, 2019). Por esse motivo, caminhamos junto a debates que investigam o racismo como algo resultante das condições históricas, econômicas, culturais e políticas, mas que é através do suporte da linguagem que esse fenômeno materializa suas formas de assujeitamento.

Todavia, como dito anteriormente, este estudo pretende mais do que partilhar leituras sobre a maneira como a racialização da linguagem fornece sentido, lógica e condições para a reprodução de padrões de violência antinegro. Procuramos partilhar leituras sobre a poesia como força capaz de dotar o sujeito negro de possibilidades para reagir defronte às forças de desumanização e de morte que o atingem. Em outros termos, traçamos diálogos sobre o modo como a linguagem constrói o sujeito negro, mas que o sujeito no fazer poético modifica a linguagem (Kiffer, 2019).

O *corpus* de análise deste estudo é atravessado pelo que produz o negro enquanto enunciado que é alvo de vínculos sociais de opressão, submissão e humilhação. Trabalhamos com os poemas *Rondó da ronda noturna* (2001) e *Na noite calunga do bairro Cabula* (2018), de Ricardo Aleixo, para pensar o negro como uma categoria histórico-discursiva que é estruturalmente subalternizada. Para além disso, lemos o negro como evento capaz de produzir significados de defesa e sobrevivência.

Este estudo se envereda por um caminho: as poéticas negras como força que abre possibilidades para confrontos, contemplações e invenções de outro horizonte em que horizontes podem ser construídos. Através das poéticas negras, procuramos indagar o modo como o eu-lírico de Ricardo Aleixo (2018) confronta as adversidades coloniais e capitalistas que produzem o negro como a personificação da negação de tudo o que é, de maneira discursiva e histórica, eleito e reconhecido como humano. Neste estudo, tratamos de investigar o confronto com a produção e enunciação do negro como “uma presença ausente, um ente coisificado, parte de algo que nem mesmo humano chega a ser” (Faustino, 2020, p. 21).

Indagamos justamente essa urgência nascida da intimidade de quem vivencia a negação, mas que optou por confrontá-la em embates que rejeitam as imposições de enunciar a si e a outros como sujeitos subalternos e condenados a uma vida de assujeitamento e aviltamento<sup>2</sup>. Nesse exercício, a poética de Ricardo Aleixo se configura como parte de diálogos que problematizam a identidade negra enquanto signo de opressão e signo de resistências.

A partir da partilha poética de Aleixo, movimentam-se debates que externam o modo como as poéticas negras se configuram como forças que se colocam de maneira subversiva a uma enunciação coletiva que continuamente produz o sujeito negro como objeto e abjeto em um universo discursivo que exerce um poder que engendra a negrura como uma zona do não ser, cujos contornos e movimentos são demarcados na/pela linguagem.

Esta empreitada se apoia na produção do eu-lírico de Aleixo para buscar e abrir caminhos para outros jogos de significação que confrontam a lógica que produz o negro como um sujeito fixado, coisificado e reificado dentro de um conjunto de abstrações fantasmagóricas que o poder colonial produziu. Em outros termos, tratamos aqui dos combates travados no campo da linguagem, contra um sistema-mundo<sup>3</sup> que naturaliza o extermínio, a expropriação, a dominação, a exploração, a morte prematura e condições de vida que chegam a ser piores que a morte, tais como a tortura (física e psicológica). Trata-se de observar e deslocar os movimentos da colonialidade para fora desse lugar que os apresenta como uma resposta a “conflitos” que procuram conduzir sujeitos a uma performance social que parece estar coerente com uma dada ordem e visão de mundo.

---

<sup>2</sup> Tomamos como base as reflexões de Fanon (1968) para ler os condenados como sujeitos que são vítimas de uma realidade objetiva que visa os manter acorados, fixos, como se eles estivessem em um lugar semelhante ao inferno cristão.

<sup>3</sup> Partimos dos apontamentos feitos por Grosfoguel (2018) para pensar o conceito de “sistema-mundo” como uma alternativa ao conceito de “sociedade”. O conceito em questão é utilizado com a intenção de romper com a ideia moderna que reduz “sociedade” às fronteiras geográficas e políticas de um “Estado-nação”. Trata-se de uma proposta metodológica que rompe com uma unidade de análise temporal/espacial que segue pressupostos das “arbitrárias e movediças fronteiras espaciais e unidades temporais dos Estados-nações” e que subordinam “as análises científico-sociais às lógicas temporais e espaciais da autoridade política que privilegia a modernidade” (Grosfoguel, 2018, p. 63). Adotamos esse conceito, que se configura como um movimento de protesto dentro das ciências sociais contra a categoria eurocêntrica que é a noção de sociedade. Ademais, adotamo-lo por ele partilhar e produzir leituras de que “existem processos e estruturas sociais cujas temporalidades e espacialidades são mais amplas que as dos ‘Estados-nações’”, ou seja, é uma visão teórica que procura capturar, “de forma ativa/passiva, singularidades de processos globais de ampla duração e ampla espacialidade que ocorrem ‘mais além’ e ‘dentro’ de suas fronteiras e estruturas, atravessando-as transversalmente” (*Ibidem*).

Selecionamos a produção do eu-lírico de Ricardo Aleixo, que se materializa como um sujeito que está localizado fora do discurso, espaço e tempo humanos, por ele endereçar o seu fazer poético para caminhos em que é possível fazer com que seu “corpo permaneça aberto e desvie-se criticamente de qualquer coisa que promova isolamento, fechamento e sofrimento sistemático” (Grosfoguel, 2018, p. 54). O eu-lírico, que em alguns momentos se percebe tomado pela necessidade de definir o que produz, faz uso da seguinte descrição para desenhar os seus esforços para manter-se em ininterrupta *movência*: “obras permanentemente em obras” (Aleixo, 2018, p. 119).

Em vista disso, ancoramos esta pesquisa nesse corpo que se abre – um corpo que se mantém em constante trânsito – para a emergência de sentidos que afirmam conexões com a produção de um mundo onde outros mundos são possíveis. A poética de Aleixo se manifesta como uma das forças que auxiliam nas reconstruções de si mesmo e como furor para combater as sequelas de um sistema-mundo que incessantemente constrói o negro enquanto enunciado vinculado a discursos e ações que fazem prevalecer uma ininterrupta humilhação.

Para tanto, partimos do que diz Edmilson de Almeida Pereira (2010) sobre o momento que um escritor

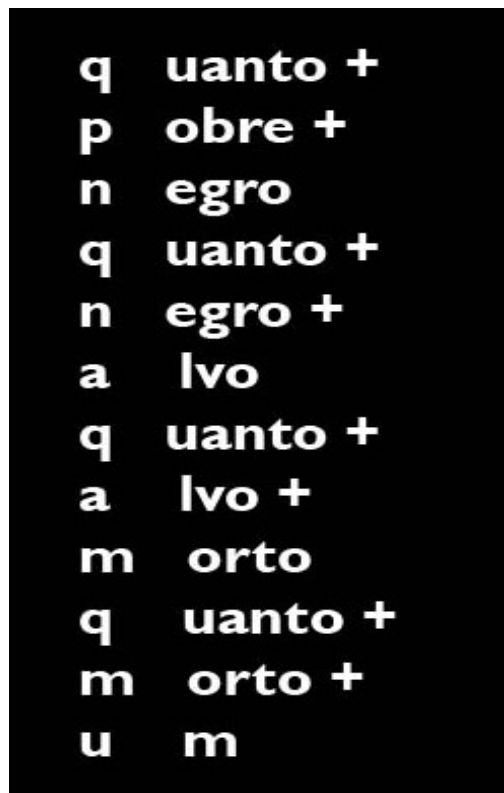
[...] que se exprime é um sujeito negro, o texto se impõe a partir daquilo que se vivencia como um sujeito negro na história, destacando-se aí a necessidade de se atualizar uma gama de discursos que a diáspora, a escravidão e a violência impediram de germinar. Nesse sentido, a literatura negra é, simultaneamente, elaboração textual, práxis ideológica, mobilização política e instrumento privilegiado – porque crítico – de enfrentamento de questões que extrapolam a literatura para alcançar os domínios da ação sócio-política. No que diz respeito à geração do texto como lugar de reflexão acerca da experiência do sujeito negro, essa vertente literária se dá a ver, portanto, como uma literatura de fundação. Tal como ocorre em outras literaturas de fundação, também na literatura negra brasileira se explicita o fazer literário como uma resposta específica de um grupo a circunstâncias histórico-sociais marcadas, em geral, pelo embate entre diferentes segmentos da sociedade (Pereira, 2010, p. 330-331).

Nos poemas que selecionamos, olhamos para os efeitos de uma produção de linguagem de um sujeito que partilha e potencializa o desejo de romper com a sua condição de condenado e com o modo como as coisas e ele foram organizados e fixados em um mundo que cria e recria estruturas de poder e do saber que permitem dizer quem está acima e quem está abaixo da linha do ser.

## REGISTRO GRÁFICOS: ENTRE O FÍSICO E O SIMBÓLICO

Como foi dito por Juliana Veloso Mendes de Freitas (2017, p. 6320), “a poesia de Ricardo Aleixo está na palavra escrita, no som, na imagem, no corpo, no silêncio. É preciso ouvi-la com os olhos na tentativa de assimilar sua presentificação radical”. É pertinente destacar que seu verso, como é possível observar abaixo, atua como uma retomada do anterior, contudo, apontando para uma possibilidade de futuro que, em decorrência das condições sócio-históricas em que o sujeito negro é produzido no Brasil, não existe.

Figura 1: *Rondó da Ronda Noturna*



Fonte: ALEIXO, 2001, p. 69

Em um primeiro instante, o elemento que talvez cause maior impacto visual seja a inversão da configuração gráfica usual: trata-se dos caracteres brancos sobre uma página preta. É possível dizer que o fundo preto do poema parece se referir à noite que compõe o título. Uma possibilidade interpretativa que pode ser lançada sobre o texto diz respeito aos caracteres brancos e ao modo como atuam sobre o fundo preto. O branco invade o

preto e impõe uma ordem que opera violentamente, tal como é dito nos versos, e sua ação deixa marcas tanto no texto quanto nos corpos das vítimas cor da noite.

As posições sociais citadas no poema, negro e pobre, materializam-se em uma agenda histórica brasileira em que as relações de poder conduzem a vida de quem está condenado à margem a fins tragicamente definidos desde suas origens. “O poema estabelece uma espécie de lógica brutal, “branco no preto”, pela qual o negro não consegue escapar de seu destino alvo” (Martins, 2018, p. 64).

A linguagem trabalhada em *Rondó da Ronda Noturna* parece tomar a forma de um punhal que objetiva rasgar o fino tecido que abafa e encobre as movimentações de discursos que constroem o ser negro e o ser branco como dois polos auto-constituídos, como se fossem duas posições que existem *a priori*, e que, nas relações estabelecidas entre esses dois, o branco “naturalmente” domina o negro com seus frios tentáculos que negam a vida e que espalham seu cheiro de peste e horror por tudo que tocam (Aleixo, 2018).

Outro desdobramento presente no poema diz respeito ao último verso, “que amarra essa descrição da cena contemporânea: na ambiguidade entre o numeral e o artigo indefinido, o negro morto na ronda noturna é mais um dentre tantos outros mortos em tantas outras rondas noturnas” (Martins, 2018, p. 65). É mais do que evidente, no nosso cotidiano assassino, que o sujeito negro é vítima de violências antinegro estatais que possibilitam, determinam e realizam o extermínio da população negra e pobre através de políticas de exclusão que nos matam em noites e em rondas que não passam e nós dentro delas morremos de novo, de novo, de novo, sem nome e de novo (Aleixo, 2018). Trata-se de ações – midiáticas, pedagógicas, políticas, ideológicas – que estabelecem processos de criminalização que atingem as periferias e nos fazem morrer a cada rombo aberto em nossas musculaturas, que nos reduzem a mais um número da necroestatística.

É necessário reparar que o uso do sinal “+”, que no corpo do poema “pode ser lido como a mira de uma arma” (Carvalho; Figueiredo, 2020, p. 323), alude também a uma operação matemática que sistematicamente lista e soma os elementos que, no final, chegam a um resultado já esperado. O produto dessa equação, de maneira angustiante, é *um*.

Essa operação, de acordo com as estatísticas, é repetida de novo, de novo, de novo a cada 23 minutos. A expectativa que o Estado burguês estabelece para nós é a de

sucumbirmos como corpos desprezados, reduzidos a amorfos, sem nome. Apenas um, mais um. Ainda sobre o sinal de adição (+), é possível o ler como uma sugestão percebermos “o espaço do poema como um cemitério ou vala comum onde os corpos vitimados pela violência são indicados apenas por uma cruz” (Martins, 2018, p. 65).

Pensamos que, ao colocar esse poema em cena para diálogo, torna-se possível lançar um olhar histórico que nos faz atentar para o ano de publicação de *Rondó da ronda noturna* (2001) e o ano em que produzimos este texto. Se dissessem que o eu-lírico de Aleixo produziu *Rondó* ontem, não surgiriam dúvidas sobre a veracidade dessa informação. O cenário continua o mesmo e talvez sem grandes possibilidades de mudanças, visto que o desejo de nos matar não é de agora, pois se concretiza quase como um vestígio, rastro ou resíduo do nosso passado mal resolvido que insiste em fazer-se presente em nossos dias, tal como um sufocante horizonte imóvel.

O eu-lírico de Aleixo partilha vivências, compreensões e o compromisso que é necessário ter contra tudo e todos que nos privam do direito ao exercício pleno da vida. Aprofundar-se nessas questões é ir de encontro a um complexo perverso, “gerador de medos e de tormentos, de problemas do pensamento e de terror, mas, sobretudo, de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes” (Mbembe, 2014, p. 34).

O poema parece sugerir, a partir de uma estratégia visual e pela informação presente no texto – *Quanto mais pobre, mais negro. Quanto mais negro mais negro, mais alvo. Quanto mais alvo, mais morto. Quanto mais morto, mais um* – que o negro, enquanto signo-objeto vinculado a discursos de humilhação e opressão, é alvo de um conjunto de artimanhas estatais que procuram produzir e consolidar o seguinte resultado: o apagamento. O poema, de certo modo, tematiza a invisibilidade e o silenciamento de negros e pobres que estão submetidos, sobretudo à violência dos dispositivos de repressão do Estado, que estão autorizados a ceifar vidas dos desumanizados.

## A RE(EX)SISTÊNCIA DA/NA NOITE

Adotamos uma perspectiva que busca ler, produzir e estudar a produção poética negra como força para fortalecer ações e laços de pensamento, resistência, comunicação e desnaturalização da violência antinegro (Freitas, 2017). Nesse íterim, consideramos o ato de resistência a partir de sua definição etimológica, no sentido de encontrar um ponto

de partida e não como recuperação de ações idealizadas. Sendo assim, “temos o prefixo re- que indica insistência, dobra, repetição. O restante da palavra deriva do verbo latino *sistere*, que significa parar, permanecer, ficar de pé, estar presente. A resistência da poesia é afirmativamente esse insistir em estar” (Ibidem, p. 6318).

Por esse ângulo, a linguagem poética atua como ferramenta basilar para confrontar radicalmente o real. Observamos, em *Na noite calunga do bairro Cabula* (2018), os movimentos de quem parece estrategicamente ter assumido o compromisso de enfrentar as condições históricas que constantemente produzem o negro em “um vínculo social de submissão e um corpo de exploração” (Mbembe, 2014, p. 40). Enfrentamos o que dá sentido social, político, institucional, cultural para a racialização de sujeitos condenados à inferioridade.

Em outros termos, o eu-lírico parece se colocar defronte de processos discursivos e históricos da modernidade, do colonialismo, da acumulação primitiva de capital e do poder capitalista que se apropria do caráter mutante do racismo (Faustino, 2020). O poema em questão enfrenta o modo como a morte tem chegado para nós por partir do pressuposto de que só “se é livre para viver a própria vida somente quanto se é livre para morrer a própria morte” (Mbembe, 2014, p. 66). Lutamos pelo direito à vida em suas infinitas expressões com a intenção de destruir o que viabiliza as nossas mortes e encobre os nossos corpos que não param de perecer.

O eu-lírico de Aleixo parece assumir o compromisso de construir-se como um sujeito que tensiona mudanças nas condições de vida dos sujeitos subalternizados. Parece assumir a tarefa de investir “suas energias para conquistar uma dupla liberdade, que se expressa através do usufruto de seus direitos sociais como cidadão e de sua capacidade criativa como sujeito de sua arte” (Pereira, 2010, p. 333). Dessa maneira, as poéticas negras tornam-se palco em que a vida é estruturada e modificada através de confrontos entre raças/classes.

A linguagem é, neste caso, “uma possibilidade do negro, que produz sua arte, de pluralizar e falar, mudando sua realidade através do seu falar” (Nascimento, 2019, p. 56). Ela é caminho para construção da emancipação e hegemonia de grupos que historicamente estão nas margens, tendo como mote a raça e a destruição do que possibilita o desenvolvimento de violências estruturais e estruturantes que, de maneira discursiva, material e social, atingem nossos corpos.

Em um segundo momento, o eu-lírico de Aleixo, no poema “Na noite calunga do bairro Cabula”, parece caminhar “entre os rostos e os corpos perdidos e achados sob e sobre os versos” (Freitas, 2017, 6320) num esforço que pretende abordar a chacina de seis de fevereiro de 2015, na cidade de Salvador-BA, em que policiais militares do Estado da Bahia encurralaram 18 jovens negros no bairro Cabula. Nessa fatídica noite, os militares dispararam aproximadamente 500 projéteis, quase 100 deles atingiram os corpos desses jovens negros que já se encontravam caídos, sem vida. Nessa noite, 12 desses jovens foram executados. Desses 18, seis conseguiram escapar, pois fingiram-se de mortos<sup>4</sup>.

Veja o poema abaixo:

Morri quantas vezes  
na noite mais longa?

Na noite imóvel, a  
mais longa e espessa,

morri quantas vezes  
na noite calunga?

A noite não passa  
e eu dentro dela

morrendo de novo  
sem nome e de novo

morrendo a cada  
outro rombo aberto

na musculatura  
do que um dia eu fui.

Morri quantas vezes  
na noite mais rubra?

Na noite calunga,  
tão espessa e longa,

morri quantas vezes  
na noite terrível?

A noite mais morte  
e eu dentro dela

morrendo de novo  
sem voz e outra vez

---

<sup>4</sup> Assista ao documentário *Notícias de uma Tragédia Racial Subnotificada – Reaja ou Será Morta, Reaja ou Será Morto* (2017). Disponível no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=umuBI3hBnQA&t=9s>.

morria a cada  
outra bala alojada

no fundo mais fundo  
do que eu ainda sou

(a cada silêncio  
de pedra e de cal

que despeja o branco  
de sua indiferença

por cima da sombra  
do que eu já não sou

nem serei nunca mais).  
Morri quantas vezes

na noite calunga?  
Na noite trevosa,

noite que não finda,  
a noite oceano, pleno

vão de sangue,  
morri quantas vezes

na noite terrível,  
na noite calunga

do bairro Cabula?  
Morri tantas vezes

mas nunca me matam  
de uma vez por todas.

Meu sangue é semente  
que o vento enraíza

no ventre da terra  
e eu nasço de novo

e de novo e meu nome  
é aquele que não morre

sem fazer da noite  
não mais a silente

parceira da morte  
mas a mãe que pare

filhos cor da noite  
e zela por eles,

tal qual uma pantera  
que mostra, na chispa

do olhar e no gume

das presas, o quanto  
será capaz de fazer  
se a mão da maldade  
ao menos pensar  
em perturbar o sono  
da sua ninhada.  
Morri tantas vezes  
mas sempre renasço  
ainda mais forte  
corajoso e belo  
- só o que sei é ser.  
Sou muitos, me espalho  
pelo mundo afora  
e pelo tempo adentro  
de mim e sou tantos  
que um dia eu faço  
a vida viver (Aleixo, 2018, p. 24-34).

De início, é possível notar que o poema esteticamente é estruturado em forma de dísticos. A escolha por esse modo de produzi-lo talvez tenha se dado em decorrência dessa estrutura carregar e potencializar a brevidade, a sutileza e o sarcasmo (Freitas, 2017). O eu-lírico partilha o evento da chacina pela percepção dos mortos e dos quase mortos pelas mãos do Estado. Suas vozes unem-se em uma só e são entoadas de um modo que destaca a cada fonema, sílaba, palavra e verso as dores de sentir – no sentido de ter consciência – e ser alvo de incontáveis chacinas que não cessam. O poema transita entre tensões.

Como dissemos anteriormente, os versos chamam uns aos outros, o que produz um ritmo contínuo, que não finda, assim com as mortes dos 12 meninos negros, que todos os dias morrem de novo, de novo, de novo, sem nome e de novo. O ritmo produzido corre lentamente, tal como o borbotar de sangue que escorreu dos corpos vitimados. Trata-se de um jorro que não foi estancado.

A força do poema, em um primeiro momento, é movida pelos questionamentos diários de nossa juventude. Ao deparar-nos com a pergunta retomada, que atua de maneira semelhante a um refrão e que talvez ecoe um pouco retórica, encontramos dificuldades para articular respostas imediatas. Contudo, existe uma prévia, esse questionamento refere-se diretamente à violência policial e a partir disso surgem outras questões para

quem o lê: quantas vezes eles nos matarão? Por quanto tempo continuarão a nos matar? Também não conseguimos traçar respostas para essas questões, haja vista que o horizonte, para nós, é estreito.

Um ponto que precisamos destacar é que a ação genocida parece ser atualizada pelos versos no gerúndio, que é uma forma nominal que indica continuidade. Os verbos empregados nessa forma acusam o desenvolvimento de ações em andamento ou duradouras. Essa atualização ou continuidade da chacina aparece nos versos que dizem que “a noite não passa e nós dentro dela/ morrendo de novo/ sem nome e de novo”. Assim, o eu-lírico aparenta estabelecer uma possibilidade de mudança das reações que estão previstas para o assassinato sistemático de jovens negros. A informação presente no poema diz que a chacina é um evento contínuo, não um caso isolado ou resposta a um “conflito” específico, como insiste em apresentar a mídia hegemônica brasileira.

Cabe apontar que o processo de aviltamento da população negra se dá pela aplicação de uma política de via dupla: extermínio e encarceramento em massa. Política que é legitimada pela classe dominante que, a partir da desumanização que é própria do racismo, faz operar um conjunto de práticas que excluem ou geram eventual exclusão. Em outras palavras, a burguesia brasileira, junto ao aparato repressivo das forças policiais, produz e preserva um *modus operandi* social que nega ao negro o direito a ter direitos (Mbembe, 2014), sejam eles quais forem.

O poema se ergue entre possibilidades para fazer a vida mais vida, o eu-lírico se levanta, a cada verso, contra o que permite que a máquina de matar continue funcionando tranquilamente. Os versos parecem se endereçar à dinâmica de funcionamento da nossa realidade, que faz com que se (re)criem tecidos discursivos que naturalizam essa violência excedente, de modo a conduzir uma diminuição da empatia com esses casos que amplamente são divulgados pela mídia, que de manhã, tarde e noite não deixa de contribuir com os ciclos que criminalizam as margens.

Em linhas gerais, é como se o eu-lírico dissesse o seguinte para os nossos algozes:

[...] seu olhar não nos fulmina, não nos imobiliza mais, sua voz já não nos petrifica. Não nos perturbamos mais em sua presença. Na verdade nós o contrariamos. Não somente sua presença deixa de nos intimidar como também já estamos prontos para lhe preparar tais emboscadas que dentro de pouco tempo não lhe restará outra saída senão a fuga (Fanon, 1968, p. 34).

É possível dizer que o poema e o sujeito que o produz propõem um modo outro de partilha e exposição do que se vivencia no meio concreto brasileiro, isso através da questão de quem tem o direito à palavra – no seu modo mais íntimo, potencial e propagatório – e os que têm apenas voz (balbucios e grunhidos), que só podem ser ouvidos quando emitem sons que revelam sofrimentos não sepultados. Assim, preparam-se emboscadas contra quem usufrui e faz perseverar esse paradigma.

Por esse motivo, a apropriação dos usos da palavra nos mais diversos modos, ambientes e plataformas se configura como um ato de ousadia. É a tomada de uma ferramenta que ficou restrita às elites. A burguesia apropria-se de signos de humanidade. A reapropriação desses signos parece ser o objeto do desejo do eu-lírico que reconhece que “a palavra é a nossa condição de humanidade. É um dos dados de nossa contínua elaboração da condição humana” (Aleixo, 2017, p. 83).

Sobre a noite que o poema faz menção, é necessário destacar o termo que assume a função de adjetivo (calunga). No poema, ele aparece associado à morte e ao mundo dos mortos e isso se dá com uma relação diferente ao que está presente no imaginário social acerca desses dois elementos, especificamente o que diz respeito ao cemitério - morada dos mortos - que

[...] é um lugar triste e assustador, enquanto para determinados povos africanos, kalunga era o que tornava uma pessoa ilustre e importante, porque mostrava que ela tinha incorporado em sua vida a força de seus antepassados. Em contrapartida, a nossa cultura conferiu uma significação pejorativa à palavra, relacionado-a à suposta inferioridade dos povos africanos. Aleixo consegue imprimir ambos os sentidos ao utilizar o termo, deixando a palavra correr entre a ambiguidade e as possibilidades (Freitas, 2017, p. 6323).

O eu-lírico propõe deslocamentos que partilham e produzem outras possibilidades de construções de sentido em torno dos signos que socialmente circulam, especificamente os que estão fixados em significações pejorativas ou laudativas. O resgate de um termo de origem do que hoje, através de olhares e imposições da modernidade burguesa europeia, é chamado de África, manifesta-se como uma rasura que procura ressignificar o que, assim como os negros e pobres, é atravessado por olhares tortos que condenam, tudo e todos que estão abaixo da linha do ser, à condição de abjeto.

Como dito por Edimilson Pereira (2010, p. 330), “é pertinente pensarmos o cenário da poesia brasileira contemporânea como um lugar de travessias de vozes e temas

que se efetivam a partir da exposição de suas fraturas”. Pereira se refere aos processos de reconhecimento do passado como um tempo relevante, capaz de abrir rasuras do presente ao futuro. Nesse caso, o resgate do termo calunga “não se trata de assumir uma mirada romântica (no sentido apenas sentimental) sobre o passado, mas antes, de interpretar um procedimento produtivo adotado pelo Romantismo, ou seja, o procedimento de mergulhar no passado não só como busca de um tempo ideal, mas, sobretudo, como uma postura de crítica aos desvios do tempo presente” (*Ibidem*, p. 334).

## DESENLACE

O eu-lírico de Aleixo parece procurar, a partir do resgate de elementos do passado, trabalhar com significações que rejeitam os estereótipos e sinais impostos a nós negros e, paralelamente, inscrever na memória e imaginário nacional uma versão crítica e afirmativa de sua/nossa presença e exercício dos direitos como ser humano.

Os dísticos finais do poema reafirmam o compromisso de resistência ativa. É declarado que nosso sangue derramado é como uma semente “que o vento enraíza/ no ventre da terra” e que ele renasce de novo e de novo, pois seu nome “é aquele que não morre/ sem fazer da noite/ não mais a silente/ parceira da morte/ mas a mãe que pare/ filhos cor da noite/ e zela por eles”. Diante disso, é viável dizer que os esforços se centram em fazer a noite circular por outra corrente, com outra voltagem, diferente da que percorre no primeiro poema analisado neste estudo.

O dístico final – “que um dia eu faço/ a vida viver” – revela um forte caráter simbólico de afirmação do esforço para continuar aqui, lutando contra tudo que insiste em nos negar a vida e suas inúmeras atuações. Esse último verso, de certo modo, pode ser lido como uma promessa que caminha ao lado de reflexões críticas sobre sua condição e que o levam a “enxergar a si próprio e ao mundo que o circunda para além do imaginário racista” (Almeida, 2019, p. 41).

A poesia de Aleixo, como uma das principais produções da poética negra brasileira contemporânea (Pereira, 2010), “insere-se no espaço do insistir em estar” (Freitas, 2017, p. 6324). Ricardo Aleixo, enquanto poeta contemporâneo, faz de seu fazer poético mais do que uma possibilidade para falar sobre eventos que o atingem; ele resiste, de modo semelhante ao que propõe Marina Tsvetaeva (2017, p. 19):

Ser contemporâneo é criar o próprio tempo e não só refleti-lo. Refleti-lo, sim, mas não como um espelho, antes como um escudo. Ser contemporâneo é criar o próprio tempo, ou seja, lutar contra nove décimas partes desse tempo, como se luta contra nove décimas partes do primeiro rascunho.

Em suma, a poética de Aleixo, vinculada à denúncia das injustiças e à luta contra condições de vida adversas, assume o caráter de poesia social na medida em que sua produção passa a atuar como um dos possíveis meios para reconhecer a necessidade de imaginar e produzir caminhos de transformação da realidade que nos é desfavorável.

## REFERÊNCIAS

- ALEIXO, Ricardo. *Pesado demais para a ventania*: antologia poética. São Paulo: Todavia, 2018.
- ALEIXO, Ricardo. *Ricardo Aleixo*: encontros. Organização: Telma Scherer. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2017.
- ALEIXO, Ricardo. *Trívio poemas*. Minas Gerais: Scriptum Livros, 2001.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- CARVALHO, Edinan Damasceno; FIGUEIREDO, Joabson Lima. Leituras marginais sobre o cenário pandêmico em terras colonizadas. *Migulim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 3, p. 319-330, 2020. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/2469/pdf>. Acesso em: 05 jul. 2021.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. *A disputa em torno de Frantz Fanon*: a teoria e a política dos fanonismos contemporâneos. São Paulo: Intermeios, 2020.
- FRANTZ, Fanon. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.
- GROSFOGUEL, Ramón. “Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada”. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONATO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 33-52.
- KIFFER, Ana. *Do desejo e devir* – as mulheres e o escrever. São Paulo: Lumme Editor, 2019.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MARTINS, Aulus Mandagará. O silêncio que nos ronda: poesia e política em dois poemas de Ricardo Aleixo. *Nau Literária: crítica e teoria da literatura em língua portuguesa*, Rio Grande do Sul, vol. 14, n. 2, p. 61-71, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/77657/50933>. Acesso em: 12 jul. 2021.

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. “Pulsações da poesia brasileira contemporânea: o Grupo Quilombhoje e a vertente afro-brasileira”. In: Almeida, Edimilson de Almeida Pereira. *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 329-355.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

REAJA TV. Notícias de uma Tragédia Racial Subnotificada - Reaja ou Será Morta, Reaja ou Será Morto. *YouTube*. 4 abril 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=umuBI3hBnQA&t=9s>. Acesso em: 27 jul. 2021.

TSVETAIEVA, Marina. O poeta e o tempo. Trad. Fernando Pinto do Amaral. *Cadernos de Leitura*, Belo Horizonte, n. 66, p. 1-23, 2017. Disponível em: <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2017/06/cad66.pdf>. Acesso em: 13 maio 2021.

FREITAS, Juliana V. “M. Poesia e resistência: Impossível como nunca ter tido um rosto”. In: *Anais eletrônicos do XV Congresso Internacional da ABRALIC*. Rio de Janeiro, 2017. p. 6335-6343. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017\\_1522175430.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522175430.pdf). Acesso em: 21 maio 2021.

Recebido em: 27/06/2024

Aceito em: 21/07/2025

**Edinan Damasceno Carvalho:** graduado em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura (2022) pela Universidade do Estado da Bahia -UNEB Campus XVI Irecê. Bolsista CNPq e pesquisador do grupo de pesquisa Aláfia (CNPq). Mestrando do

Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIN).

**Joabson Lima Figueiredo:** professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Docente permanente do PPGEAFIN –UNEB. Líder do grupo de pesquisa Aláfia –UNEB. Docenteda EaD/UNEB. Graduado em Letras -Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura (2022) pela Universidade do Estado da Bahia -UNEB Campus XVI Irecê. Pesquisador do grupo de pesquisa Aláfia (CNPq).